

TRANÇADEIRAS DE SAUÍPE: O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO DE PALHA NO LITORAL NORTE (BAHIA)

Milena Nascimento Leite*
Vanessa Midler dos Santos Paiva**
Elizabete Actis de Souza***

Resumo: O “Projeto-Diagnóstico do Desenvolvimento do Artesanato na Vila de Sauípe” visa à orientação à atividade artesanal, tendo como meta a melhoria da qualidade de vida da sociedade de Vila de Sauípe (Mata de São João-Ba) através do incentivo à comercialização de seus produtos e, conseqüentemente, do aumento da renda do grupo de produção que encontra nesta atividade uma alternativa econômica viável com vistas ao Desenvolvimento Sustentável. Com tal projeto buscamos analisar as iniciativas voltadas ao artesanato da região, bem como apontar para novas possibilidades, contribuindo para com o desenvolvimento de um artesanato com uma marca local estética e rica. Através do método da pesquisa-ação nós temos colhido informações por meio de entrevistas e registros audiovisuais que compõem o vídeo do projeto onde os resultados parciais já podem ser traduzidos neste diagnóstico.

Palavras-chave: Artesanato; Desenvolvimento; Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

Os atuais debates acerca do desenvolvimento sustentável têm apontado para caminhos que passam cada vez mais por um processo de sensibilização da população a fim de assegurar a continuidade de práticas e conhecimentos apreendidos que porventura garantam a sustentabilidade do desenvolvimento pretendido no sentido de uma relação benéfica entre bens, conhecimentos e as formas de uso e comercialização dos produtos. Este questionamento estabelece então uma outra relação entre fomentadores (produtores) e beneficiados (consumidores) que ultrapassa a idéia de um público passivo frente a propostas que se apresentam. Ou seja, o produto artesanal, incluindo em qualquer que seja a proposta de um desenvolvimento sustentável, está inscrito na dimensão de valoração em que se faz presente a expectativa do consumidor que direciona a forma do produto para sua satisfação através do apelo ao produtor, seja na forma final ou acabamento do produto artesanal ou mesmo nos materiais empregados.

Outro fator importante que se apresenta nessa relação de produção-comercialização de produtos artesanais é o enfraquecimento ou a fraca mobilidade das associações comunitárias que contribui e as metodologias pré-concebidas que não se relacionam mais com as realidades distintas e específicas das comunidades. Com base nisso, apresentamos aqui uma exposição sobre o artesanato no Litoral Norte da Bahia, tal qual vem sendo analisado no “Projeto-Diagnóstico do Desenvolvimento do Artesanato na Vila de Sauípe” desenvolvido por uma equipe interdisciplinar composta por estudantes da UFBA, UNEB e FVC, que atuam através do

*Estudante de Desenho Industrial da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: milenaleite@hotmail.com – Autora.

**Estudante de Administração com Hab. em Marketing pela Fundação Visconde de Cairu. E-mail: vanessamidler@gmail.com – Co-Autora.

***Orientadora: Professora da Escola de Belas Artes – UFBA

acompanhamento e levantamento dos projetos de desenvolvimento social e cultural, bem como das relações entre esta produção, a melhoria da qualidade de vida e o *boom* causado pelo aumento sistemático do turismo na região, causando mudanças sociais, artísticas e culturais, bem como novas relações de produção e comercialização.

A VILA E A COSTA DO SAUÍPE

Com a inclusão do Litoral Norte no Programa de Desenvolvimento Turístico do Estado, elaborado pela Bahiatursa, e com a construção da Linha Verde, em 1993, que prolongou a Estrada do Coco num total de 142 quilômetros de Açu da Torre até Itanhi (Sergipe), a região litorânea do norte do estado foi aberta a novas possibilidades de investimento e de melhoria de renda. Naquele momento, a Linha Verde tornou-se a base do desenvolvimento do turismo e importante fator de transformação de uma área antes caracterizada pelo isolamento ou pela pouca divulgação de suas belezas naturais devido às dificuldades de acesso.

Com o passar dos anos, o turismo solidificou-se como a principal atividade econômica desta região, no entanto, pode-se afirmar que a exploração das belezas naturais, da forma como foi implementada, não conseguiu oferecer uma opção viável para a reprodução socioeconômica sustentável das populações locais, o que pôde ser atestado pelos casos de favelização das populações onde a terra ainda está acessível.

As ofertas de trabalho e emprego não atingiram significativamente as parcelas mais pobres da população, desqualificada para atender um público exigente com relação aos serviços oferecidos. A elas, houve apenas a oportunidade de trabalho ocasional, que não oferece garantias maiores, e informal, que continuou sendo predominante.

Apesar dos avanços da atividade turística, a precariedade em termos de infra-estrutura e serviços básicos permaneceu na maioria das povoações do Litoral Norte, apesar do significativo incremento da arrecadação municipal. Além disso, a promessa da sustentabilidade ambiental da região, que era uma meta do projeto de gestão ambiental em toda a extensão da Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Norte, não se efetivou. Pelo contrário: os recursos naturais foram desgastados pelo desenvolvimento turístico.

É neste cenário que fica localizada a Vila de Sauípe, uma das muitas áreas recortadas pela Linha Verde e inscrita na rota turística da costa norte da Bahia. Sauípe fica a uma distância média de 113 km de Salvador e é banhada pelo rio homônimo onde reside uma população que sobrevive principalmente da criação de animais, da pequena agricultura e do artesanato de palha.

O artesanato, como peça de destaque cultural, é a principal fonte de renda e, para algumas pessoas, é uma ocupação única que nos faz pensar em uma atitude mais efetiva para que se ampliem as possibilidades para o comércio de artesanato local, que já conta com uma estrutura mínima composta pela Associação dos Artesãos de Porto de Sauípe, com sua pequena loja no complexo de Sauípe para escoamento da produção. Tal Associação também promove e participa de feiras periódicas com apoio de agências e instituições públicas e particulares e de eventos em outras cidades denominados como feira de produção.

Entre as instituições responsáveis pela maior dinâmica na produção-comercialização do artesanato das trançadeiras de Sauípe estão o Instituto da Hospitalidade e o SEBRAE, que atuaram como maiores incentivadores dessa atividade, através do “Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros”, com o intuito de desenvolver ações educativas com as populações do Litoral Norte do estado para o desenvolvimento do artesanato de palha de piaçava.

A palha de piaçava sempre esteve na vida cotidiana da comunidade, e este relacionamento se faz a partir das lembranças e atividades infantis de onde ocorrem os primeiros contatos. Trata-se ainda de uma herança étnica da tradição tupinambá, que se fez presente na região desde os primeiros séculos da colonização, e do estabelecimento da Casa da Torre dos herdeiros do fidalgo português Garcia D'Ávila (ALBÁN, 2006, p. 01). Hoje, embora não existam mais índios na região, dizimados pelo processo aculturativo, ainda pode-se notar a presença indígena através da técnica de trançado em palha dos seus herdeiros que vivenciam o processo contemporâneo de globalização, onde têm de se adaptarem ao mercado que anseia por produtos cada vez mais diversificados e bem elaborados. Daí a necessidade crescente de se outorgar um maior valor a esta atividade cultural e econômica que tem possibilitado um sustento a grande parte das famílias destas comunidades.

A maioria das famílias da região da Vila de Sauípe, apesar de terem moradia própria, vivencia uma situação preocupante, já que 45% dos moradores da região são analfabetos ou analfabetos funcionais, apresentando grandes dificuldades, pois, somado ao agravante do baixo ou inexistente nível de instrução, muitos têm apenas emprego temporário e nem todos são atendidos pelos programas de assistência do governo federal, como o Bolsa Família. Algumas pessoas sobrevivem de uma agricultura incipiente com a plantação de insumos como a mandioca e a batata. O artesanato, como atividade econômica básica ou auxiliar, fica também sujeita a algumas dificuldades com a quase completa dependência do turismo para prática da comercialização, que oscila entre a alta e baixa estação quando a demanda pelas peças produzidas alcança seus melhores ou piores níveis, de modo que, sem ações de apoio e incentivo à produção do artesanato, essa atividade pode correr sérios riscos, não apenas pela descaracterização técnica e tipológica, mas também pelo abandono da prática e da sua substituição por outras formas de aquisição de renda.

PROJETOS E DESENVOLVIMENTO

O Programa Berimbau é o principal projeto desenvolvido no Litoral Norte da Bahia com foco no desenvolvimento do artesanato. Sendo mais do que um projeto social sustentável da Costa do Sauípe, ele é o resultado de uma parceria entre este empreendimento turístico-hoteleiro, a Fundação Banco do Brasil e a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ). Sua concepção partiu de uma necessidade da direção do Resort de se estabelecer uma política de boa vizinhança com a população local de aproximadamente 10 mil pessoas composta por artesãos e pequenos agricultores. Assim, os primeiros esforços ocorreram no sentido de se organizar associações locais (Associação dos Artesãos de Porto de Sauípe) com lideranças da região, e, a partir daí, levantar as potencialidades econômicas e produtivas das comunidades.

As metas do Programa Berimbau são, portanto, desenvolvidas para além do artesanato tradicional de palha. Os investimentos em iniciativas sustentáveis visam também ao turismo, à preservação do meio ambiente e ao incentivo à produção local, por exemplo, de alimentos consumidos nos hotéis, de sabonetes e xampus e cremes com plantas da região e extratos naturais. Ao todo, o programa contempla 41 ações e já recebeu investimentos da ordem de R\$ 2 milhões. Parte disso foi destinada à geração de 2,5 mil empregos diretos nos cinco hotéis e oito pousadas Resort e oportunidades de trabalho, melhoria na infra-estrutura social local, apoio ao desenvolvimento de atividades agrícolas, revitalização da pesca, artesanato, preservação do meio ambiente e cultura local.

O Programa Berimbau, no que tange especificamente ao artesanato, ajudou na confecção de catálogos, na promoção de cursos e workshops de treinamento, na divulgação dos

principais produtos fabricados pelas famílias engajadas no processo e na maior aproximação dos artesãos com o Complexo Turístico de Sauípe (Costa do Sauípe), sendo o responsável pela construção de um Resort Escola, que tem se destacado pelo apoio à capoeira, ao meio ambiente e à cultura. Através do PROTURIS - Programa Turístico Integrado e Sustentável, estas ações vêm sendo integradas com vista ao benefício de 6,5 mil habitantes das comunidades vizinhas com a formação de quatro cadeias produtivas (Unidade de Processamento de Resíduos, Revitalização da Pesca, Artesanato e Pequenos Animais), em uma investida que conta com apoio da Fundação Banco do Brasil e empresas como a Cisco Systems, EMC Computer Systems, Cobra Tecnologia e a Costa do Sauípe, dentre outras.

Dentre outros projetos desenvolvidos destaca-se ainda o do Instituto da Hospitalidade com o SEBRAE, que promoveu cursos de artesanato para os associados, realizando ainda exposições e mostras com o objetivo de especializar as artesãs para o desenvolvimento de técnicas novas e variadas.

O investimento no artesanato incidiu, além de Sauípe, também nas comunidades de Estiva, Canoas e Água Comprida, proporcionando uma imagem positiva desta atividade como parte fundamental da cultura e identidade regional, promovendo, ainda, como veículo de transmissão de mensagens que dispensam uma elaboração forçosa, o contato com uma dimensão pessoal de sensações, prazer e satisfação, possibilitando, assim, o uso do marketing cultural como base de promoção e propaganda de produto. Assim, além da aplicação destes projetos como alternativas à melhoria da qualidade de vida destas famílias, há ainda sua capacidade de assumirem a forma de veículos de divulgação das marcas destas empresas (REIS, 2003, p. 45).

Em outra vertente, entretanto, estas iniciativas têm favorecido uma visível melhoria do preço de venda do artesanato e, conseqüentemente, da renda das famílias envolvidas de modo significativo, já que podem comercializar seus produtos sem atravessadores. A venda direta para o próprio turista feita pelo artesão exige mudanças de hábito do artesão. O governo poderá ter um importante papel como a promoção de cursos de qualificação e de técnicas de venda, bem como de cursos de línguas estrangeiras.

O povo brasileiro, contudo, tem suprido essas carências através de algumas características que chamam a atenção do turista por ser caloroso, alegre, trabalhador e festeiro, e é esta imagem que deve ser cultivada no mundo. Há várias falhas na política de marketing adotada pelo governo que oferece incentivo para a formação de origens que hoje existem em grande número, mas que deixam lacunas ao benefício das pessoas que saem do curso de aperfeiçoamento do trançado de palha e que não recebem um apoio contínuo à sua produção ou cursos de reciclagem destes conhecimentos adquiridos. Desse modo, falta ainda incentivos para que esta atividade se consolide não apenas como uma atividade econômica, mas também cultural, tomando por meta o envolvimento dos jovens para que o artesanato de palha possa continuar sendo uma marca destas comunidades do Litoral Norte da Bahia.

Embora não exista um risco concreto de ocorrer seu desaparecimento, a situação pode ser preocupante se levarmos em conta a pequena participação dos jovens nesta atividade produtiva. Esta resistência entre os jovens se dá nas poucas possibilidades oferecidas e imediatez que parece ser cada vez mais cultivada, assim estes têm migrado cada vez mais em busca de um emprego na capital, não vendo possibilidade no artesanato por ser sempre fato de pensarem que se trata de atividade para velhos.

No passado quando não havia luz elétrica, água encanada e todos os benefícios tecnológicos, havia apenas luz de candeeiro onde mulheres trançavam suas cordas e pela manhã, na frente de suas casas, continuavam suas tarefas. Esta era por vezes a única garantia de dinheiro que possuíam e isso fez perceber como é importante para os mais velhos que se conserve o artesanato com trançado da palha. De fato trata-se de atividade que consome muito tempo e

dedicação: O cozimento da palha verde, sua secagem após enrolada em feixes, o penduramento na sombra por três dias em tempo de sol, a separação do talo em tiras com espessuras variadas com a ponta de faca ou de uma tesoura, o entrelaçamento em tiras e depois em “tranças” que podem ter 13,17 e 21 pares no formato convencional que dão dimensões variadas ao trançado, e, a construção das tranças em sua modelagem, conforme o produto desejado (INSTITUTO, 2000, p. 03). É um processo que envolve muito mais do que tempo, mas também habilidade e criatividade por parte do artesão ou da mulher trançadeira que se valoriza conforme seu repertório.

Segundo o Programa Berimbau, 265 famílias estão engajadas no artesanato, assim percebe-se a grande necessidade de terem criado a marca Tupinambá desenvolvida para representar toda atividade de palha de piaçava, de modo a ficar mais fácil que uma empresa queira apoiar o grupo de artesãs por meio de projetos de responsabilidade social. O desejo de devolverem a sociedade um pouco do que esta lhe oferece e, ao mesmo tempo, contribuir para suprir as carências da comunidade, tem motivado boa parte das cooperativas locais com o desenvolvimento do setor cultural. Essa troca de benefícios deverá aumentar, se houver um estímulo do governo e da própria sociedade. A lembrança da marca proporcionará o interesse do cliente e da empresa que tentar a ela se associar, sendo que esse passo positivo, quando fez-se notar, foi um fator importante para comunidades como as de Sauípe, Estiva, Canoas e Água Comprida, pois a exportação do artesanato já representa 2% do PIB brasileiro, e vem vivenciando um momento de transição que proporciona um crescente impulso na comercialização do artesanato.

Contudo, deve-se pensar que, havendo um certo resgate da cultura nos dias atuais - como se nota na propaganda apregoada por muitos governos - deve também haver um certo cuidado ao se pensar que o artesanato gera renda, inclusão social e desenvolvimento, traçando-se um novo papel sobre a economia e a cultura de mercado atual frente às atividades da culturalização. Assim o valor de cultura passa a ser uma moeda que deve ser estimulada de modo a se obter um desenvolvimento sustentável que está crescendo, mas que precisa de uma nova imagem para ser vendida a outros países. Uma imagem mais real e coerente para como as trançadeiras de palha espelham a si e a sua produção artesanal. É o que desejam as famílias que sobrevivem do artesanato na Vila de Sauípe em busca de uma melhor condição de vida.

CONCLUSÃO

Acreditamos que este projeto tem proporcionado a construção de experiências sócio-acadêmicas baseadas no (re)conhecimento da identidade local e no respeito ao *modus vivendi* comunitário, por meio da interação saudável na prática da pesquisa-ação de cunho participante vivenciado para com as trançadeiras de palha e os artesãos da Vila de Sauípe. Desse modo, a importância deste projeto se justifica na prática da construção de uma nova realidade, através da soma de conhecimentos para o fortalecimento do diálogo entre arte, cultura e sociedade por meio do estudo das formas de produção, procurando estabelecer os nexos entre a estética e os sentidos culturais e sociais conferidos a estas manifestações, e proporcionando ainda novas formas de pensar o desenvolvimento do turismo e o conceito de sustentabilidade, seja esta econômica ou cultural.

O projeto ainda encontra-se em andamento e os resultados parciais que ora coletamos através de registro audiovisual e de entrevistas semi-estruturadas, prestam-se a estabelecer essa noção de interligação entre fatores de produção e de consumo frente aos valores artísticos e tradicionais que se desdobram na prática artesanal.

Espera-se que ao final sejam absorvidos os conteúdos trabalhados em conjunto com o grupo de artesãos e artesãs, bem como a consolidação da atividade artesanal como complemento à economia familiar, acrescentando aos conhecimentos já existentes a salvaguarda da memória cultural desta sociedade, de modo a contribuir no surgimento de novas perspectivas geridas pelos atores locais no fortalecimento da cultura, no entendimento do uso sustentado da matéria-prima utilizada, na produção do artesanato e no enriquecimento da sua singularidade estética.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, Maria del Rosário Suárez. **A palha tecendo cantos e contos**. Revista UFBA Letras. n° 1, 2000. Disponível em <<http://www.ufba.br/~edigt/revista.html>>. Acesso em: maio, 2006.

INSTITUTO DA HOSPITALIDADE. **Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado da Costa dos Coqueiros**. Salvador, 2000. 16 p.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Marketing Cultural e financiamento da cultura**. São Paulo: Thomson Learning, 2003. 313 p.